



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - ICSA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – DEECO



RAFAEL FERNANDES SILVA

O IMPACTO DA PANDEMIA NO MERCADO DE TRABALHO NORDESTINO
NO ANO DE 2020

MARIANA, MINAS GERAIS

2023

RAFAEL FERNANDES SILVA

**O IMPACTO DA PANDEMIA NO MERCADO DE TRABALHO NORDESTINO
NO ANO DE 2020**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Cristiane Márcia Santos

MARIANA, MINAS GERAIS

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586i Silva, Rafael Fernandes.
O impacto da pandemia no mercado de trabalho nordestino em 2020.
[manuscrito] / Rafael Fernandes Silva. - 2023.
37 f.: il.: gráf., tab.. + .

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Marcia dos Santos.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Ciências
Econômicas .

1. Covid-19 (Doença). 2. Cor da pele. 3. Disparidades econômicas regionais. 4. Doenças transmissíveis. 5. Identidade de gênero. 6. Mercado de trabalho. 7. Raças. I. Santos, Cristiane Marcia dos. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 331.5

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rafael Fernandes Silva,

O impacto da pandemia no mercado de trabalho nordestino no ano de 2020

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas

Aprovada em 27 de março de 2023

Membros da banca

Profª Drª Cristiane Márcia dos Santos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profª. Me. Rosilene Aparecida Felício - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Me. Vinicius Fortes da Silva Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Cristiane Márcia dos Santos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12/04/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Marcia dos Santos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/04/2023, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0507785** e o código CRC **BF9DA0B1**.

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o impacto da pandemia da Covid-19 no mercado de trabalho no Nordeste brasileiro em 2020. Este artigo utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2020 (PNAD 2020) juntamente com a aplicação de um modelo Probit, com o intuito de investigar os determinantes de desemprego severo na região do Nordeste brasileiro. Encontra-se desigualdade nas taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade, os resultados mostram uma maior probabilidade de desemprego para indivíduos do sexo feminino, e para os que se declaram negros ou pardos. Vale também ressaltar que essa desigualdade não é uma característica presente somente na crise de 2020, e sim a antecede, porém, a crise acarretou ainda mais danos aos atingidos pela desigualdade. Por fim, os resultados dessa monografia apresentam alguns insights para a compreensão do mercado de trabalho nordestino, a fim de mostrar os principais níveis de desigualdades presentes na região.

Palavras-chave: Covid-19; pandemia; mercado de trabalho; desigualdade; gênero; raça/cor.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the impact of the Covid-19 pandemic within the labor market in the Brazilian Northeast in 2020. This article uses data from the 2020 National Household Sample Survey (PNAD 2020) together with the application of the Probit model, with the aim of investigating the determinants of severe unemployment in the Brazilian Northeast region. Inequality is found in participation, unemployment, occupation and informality rates, the results show a greater probability of unemployment for female individuals, and for those who declare themselves black or brown. It is also worth mentioning that this inequality is not a feature present only in the 2020 crisis, but rather precedes it, however, the crisis had even more impact on those affected by inequality. Finally, the results of this monograph present some insights for understanding the Northeastern labor market, in order to show the main levels of inequalities present in the region.

Keywords: Covid-19; pandemic; job market; inequality; gender; race/color.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Taxa de desocupação (%) – BRASIL 2012 à 2021.....	17
GRÁFICO 2: Taxa de desocupação na força de trabalho potencial das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%) – BRASIL 2018 à 2022.....	19
GRÁFICO 3: Taxa de desocupação na força de trabalho dividido por regiões brasileiras (%) – BRASIL 2018 à 2021.....	20
GRÁFICO 4: Distribuição populacional brasileira dividida por regiões no ano de 2020 (%) – PNAD Contínua 2020.	21
GRÁFICO 5: Número de habitantes total, e dividido por sexo na região do Nordeste no ano de 2020 (%) – PNAD Contínua 2020.	22
GRÁFICO 6: Número de habitantes total, e dividido por raça/cor na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.	23
GRÁFICO 7: Número da população total, e dividida por faixa etária na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.....	24
GRÁFICO 8: Número de habitantes por nível de instrução na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.	25
GRÁFICO 9: Nível de ocupação das mulheres nordestinas entre 2018 e 2021 – Nordeste 2018 à 2021.....	26
GRÁFICO 10: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021 por raça/cor – Nordeste 2018 à 2021.....	27
GRÁFICO 11: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021, por idade – Nordeste 2018 à 2021.....	28
GRÁFICO 12: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021, por nível de instrução, escolaridade – Nordeste 2018 à 2021.....	29

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Saldo total de admitidos e desligados por sexo no Nordeste em 2020. .30	
TABELA 2: Saldo total de admitidos e desligados por idade (faixa etária) no Nordeste em 2020.31	31
TABELA 3: Saldo total de admitidos e desligados por grau de instrução no Nordeste em 2020.31	31
TABELA 4: Probabilidade de transição da ocupação para o desemprego ou inatividade em 2020.32	32

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Variáveis utilizadas no modelo proposto.13	13
QUADRO 2: Classificação das ocupações em formais e informais.16	16

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAGED- Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

COVID 19 – Corona Vírus Disease 2019

FGTS- Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

P.P. – Pontos percentuais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	METODOLOGIA E FONTES DE DADOS	11
	2.1 Metodologia	11
	2.2 Interpretação e avaliação dos resultados	12
	2.3 Base de dados	13
3	A COVID 19 E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO	14
	3.1 A Covid-19 e a Pandemia.....	14
	3.2 Impactos gerais da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro	15
	3.3 Evolução da Desigualdade no Mercado de Trabalho.....	17
	3.4 Taxa de Participação.....	18
4	A POPULAÇÃO NORDESTINA E OS INDICADORES DE TRANSIÇÕES:.....	21
	4.1 A População Nordestina	21
	4.2 Indicadores de Transição: A evolução da desigualdade no mercado de trabalho nordestino	26
5	DETERMINANTES DA ENTRADA E SAÍDA DA CONDIÇÃO DE OCUPADO .	30
	5.1 Ganho de Ocupação.....	30
	5.2 Determinantes de perda de ocupação.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	36

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento mundial que a Pandemia do Coronavírus (COVID-19) não trouxe repercussão apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também consequências e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais, dentre outros. A Covid-19 é uma doença causada por um vírus da família do coronavírus, o SARS-CoV-2. O vírus, assim como outros dessa família, é capaz de provocar infecções que afetam o sistema respiratório, desse modo, ela pode facilmente ser confundida com uma gripe ou resfriado devido a seus sintomas serem febre, dificuldade respiratória e tosse. A doença foi conhecida no último trimestre de 2019, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi comunicada sobre vários casos de pneumonia na China, quando em 7 de janeiro de 2020 identificaram o agente causador da doença, o COVID-19. A transmissão da mesma ocorre de uma pessoa para outra por meio de contato com gotículas respiratórias e devido ao seu fácil meio de transmissão, rapidamente a doença se espalhou pelo planeta, fazendo a OMS classificar a doença como uma pandemia, tomando como medida de prevenção o isolamento social.

A pandemia atingiu todo o mercado de trabalho, setores público e privado, trabalhadores formais e informais, direta ou indiretamente, gerando uma taxa de desemprego alta, chegando a 14,9% no terceiro trimestre de 2020, segundo dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE, 2022). Sobre parte da população, durante a pandemia, foi necessária uma reeducação, ou seja, novos meios de trabalhos (home-office e trabalhadores remotos), onde trabalhadores migraram suas atividades para seus ambientes domésticos, afetando trabalhadores informais, empreendedores, e até mesmo os setores que em geral não sofrem drásticas alterações no seu dia-a-dia, chamados de atividades essenciais, como os sistemas de saúde, sistema financeiro, sistema de segurança, supermercados, farmácia, entre outros.

Este trabalho abordará os principais efeitos da pandemia da Covid-19 no mercado de trabalho nordestino, e para comparar os efeitos no mercado, é necessária uma breve contextualização do que ocorreu nos anos antecedentes a crise sanitária, de acordo com dados que serão apresentados durante o texto. Vale ressaltar que a taxa de desemprego no Brasil está elevada desde a crise de 2014, onde o país

deteriorou seu nível de empregabilidade no mercado de trabalho, tendo fortes semelhanças com a década perdida, que foi a crise dos anos 80, ocasionando redução do emprego formal.

Através dos estudos realizados sobre o tema, é notório que o maior pico de taxa de desemprego apresentado pelo IBGE foi em 2017, e voltou a subir logo depois com a crise da Covid-19, ocasionando novamente a deterioração da taxa do desemprego. No primeiro momento da chegada da crise no país, em meados de março e abril, a taxa de desemprego aumentou de forma contida, dada a forte queda nos níveis de ocupações e participação da força de trabalho (Carvalho et al., 2020), já no segundo trimestre de 2020, a taxa de desemprego chegou a 13,3% (contra 12,4% no mesmo período do ano anterior, e 11,6% no primeiro trimestre de 2020). Em meados de 2020, o país passou pelo momento de maior nível de desocupação no mercado de trabalho, chegando até 14,9% de taxa de desemprego segundo dados do IBGE.

Os diferentes impactos no mercado de trabalho e suas adaptações devido a pandemia, tendem a se constituir em um novo marco temporal para análise de estudos, como, por exemplo, a reforma trabalhista em 2017, onde o emprego formal tem se tornado cada vez mais flexível, tendo uma redução do grau de proteção social (KREIN et al. 2018). De acordo com a reforma trabalhista, essa impôs uma necessidade da análise temporal do antes e depois da reforma, e da mesma forma, para analisar o impacto da pandemia no mercado de trabalho brasileiro, será necessário verificar o antes e depois também.

A crise sanitária aumentou a fragilidade do mercado de trabalho que já vinha em processo de deterioração nos últimos quatro anos, atingindo de forma contundente e de diversas maneiras a classe trabalhadora, os níveis de ocupação/desocupação, a informalidade, dos empregados dos setores públicos, privados e informais.

Desta forma, a presente pesquisa busca analisar os impactos da crise da pandemia da COVID 19 no mercado de trabalho da região nordeste, apresentando níveis de desigualdade diferenciado por sexo, raça/cor, faixa etária e grau de escolaridade, trabalhando em um estudo mais aprofundado no período imediato após o decreto de isolamento social adotado em todo país. A análise direta das transações entre entrada e saída de emprego gera um conhecimento mais acurado do estreitamento e da demanda de trabalho causado pela pandemia.

2 METODOLOGIA E FONTES DE DADOS

2.1 Metodologia

A análise da probabilidade de ganhos e perdas ocupacionais tem o foco no ano de 2020, além da identificação dos principais determinantes dessas transições, pode ser modelada da seguinte forma:

$$P_i = f(X_i, S_i) \quad (1)$$

em que P_i é a probabilidade de entrada (saída) no (do) emprego no período do ano de 2020; X_i representa as características individuais dos trabalhadores; S_i representa as características associadas aos contratos de trabalho dos trabalhadores.

Um modelo apropriado para a análise dessas transições é o de regressão Probit, no qual a variável dependente é dicotômica, para transição de ocupação para desemprego ou inatividade, tem-se que $Y=1$ (entrada em desemprego ou inatividade no ano de 2020) e $Y=0$ (permanência em qualquer ocupação no ano de 2020). A forma funcional do modelo probit é desenvolvido por meio do uso de uma variável não observada denominada latente, a qual é assumida possuir determinada distribuição de probabilidade (Davidson e Mackinnon, 2004). Desse modo, a especificação do modelo com a variável dependente binária observada é dada por,

$$Y_i = X_i\beta + \mu_i \quad (2)$$

em que $Y_i = 1$ se ocorre sucesso e $Y_i = 0$, caso contrário. Como a estimação desse modelo não garante que Y_i está contido no intervalo $(0,1)$, a sua reformulação é feita através da criação de uma variável latente (Y_i^0) em substituição a Y_i . Nesse sentido, é assumindo a hipótese Probit, μ_i , segue uma distribuição normal padronizada. O sinal da variável latente não observada, Y_i^0 , determinará o valor que a variável binária observada, Y_i , assumirá; ou seja, se Y_i^0 , for positiva ou negativa, Y_i , assume o valor 1 ou 0, respectivamente. Desse modo, torna-se possível computar a probabilidade de que Y_i assumo o valor 1, a qual será dada por,

$$Pr(Y_i = 1) = Pr(Y_i^0 > 0) = Pr(X_i'\beta + \mu_i > 0) = Pr(\mu_i > -X_i'\beta) = Pr(\mu_i < X_i'\beta) = \phi(X_i'\beta) \quad (3)$$

em que $\phi(X_i'\beta)$ é a função de probabilidade cumulativa da distribuição normal padrão.

Para a finalidade deste trabalho, a variável observada assumirá o valor 1, se o indivíduo estiver empregado e assumirá valor 0 se o indivíduo estiver desemprego ou inativo.

Nesse modelo, os efeitos marginais dos regressores nas probabilidades não serão dados diretamente pelos coeficientes das variáveis explicativas, então para $Prob(y_1 = 1)$ e $Prob(y_1 = 0)$, os efeitos marginais de mudanças nas variáveis explicativas serão dados por,

$$\frac{\partial Prob(y=1)}{\partial x} = \phi(x'\beta) \cdot \beta \quad \text{e} \quad \frac{\partial Prob(y=0)}{\partial x} = -\phi(x'\beta) \cdot \beta. \quad (4)$$

Percebe-se pelas formulações acima que majorando-se o valor de um dos regressores, a $Prob(y_1 = 0)$ aumenta se o sinal do coeficiente variável majorada for negativo e declina se tal coeficiente for positivo. Para $Prob(y_1 = 1)$ o raciocínio é análogo.

2.2 Interpretação e avaliação dos resultados

A interpretação dos parâmetros estimados para o modelo Probit não se dá da mesma forma dos modelos de probabilidade linear, como, por exemplo, os coeficientes obtidos medem a variação em log para mudanças na variável independente. Com isso, cada “coeficiente angular (...) é um coeficiente angular parcial e mede a variação no (...) estimado para uma variação unitária do valor do regressor dado (mantendo-se tudo o mais constante)” (GUJARATI e PORTER, 2011, p. 560). Através dos estudos sobre Wooldridge (2011), é notório que os coeficientes darão os sinais dos efeitos parciais de cada variável independente, x , sobre a probabilidade de ocorrência do evento.

Esses sinais obtidos nos coeficientes dirão se a variável independente tem efeito positivo ($\beta_j > 1$), aumentando assim a chance de $y=1$, ou efeito negativo (<1), onde diminuem a chance de $y=1$, reduzindo a probabilidade do evento ocorrer. A interpretação dos estimadores vai aparecer de forma diferenciada devido ao fato de que o efeito da mudança de uma variável no modelo dependerá dos resultados de todos ou outros parâmetros estimados e dados do mesmo.

No modelo Probit, os resultados são analisados considerando apenas os efeitos marginais, desconsiderando a opção da razão de chance.

2.3 Base de dados

Para a realização deste estudo foi utilizado os dados da PNAD Contínua produzida pelo IBGE no ano de 2020, que trouxe como objetivo produzir indicadores para acompanhar as flutuações trimestrais e a evolução da força de trabalho e outras informações associadas a características demográficas e educacionais da população brasileira com idade igual ou superior a 14 anos.

A análise será apresentada em duas formas, sendo a primeira apresentada na seção 3, e descreve a evolução dos principais indicadores de estoque do mercado de trabalho brasileiro entre os anos de 2018 a 2022. A segunda, compõe as seções 4 e 5, explora os fluxos de entrada (e saída) na (da) condição de pessoa ocupada no ano de 2020 em meio ao maior pico da crise pandêmica.

QUADRO 1: Variáveis utilizadas no modelo proposto.

Variáveis explicativas	Descrição
Mulher	0-Masculino; 1-Feminino;
Não Branco	0-Branco; 1-Não Branco;
Idade	Idade 14 -18 anos – 1 se estiver entre 14 e 18 anos; 0, caso contrário; Idade 19 - 39 anos – 1 se estiver entre 19 e 39 anos; 0, caso contrário; Idade 40 – 65 anos - 1 se estiver entre 40 e 65 anos; 0, caso contrário;
Nível de Instrução Formal	Ensino fundamental completo - 1 se ensino fundamental completo; 0, caso contrário; Ensino médio completo - 1 se ensino médio completo; 0, caso contrário; Ensino superior completo - 1 se superior completo; 0, caso contrário;

Fonte: Elaboração própria do autor.

3 A COVID 19 E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

3.1 A Covid-19 e a Pandemia

A Covid-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2, que é uma infecção respiratória aguda provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, com seu grau sendo considerado grave, e com alta facilidade de transmissão e distribuição global. O SARS-CoV-2 é um beta coronavírus que foi descoberto em amostras de lavado *broncoalveolar* obtidas de pessoas com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan na China, em dezembro de 2019. O vírus pertence ao subgênero *Sarbec* Vírus da família *Coronaviridae* e é o sétimo coronavírus conhecido que chega a infectar os seres humanos. O coronavírus é considerado uma grande família de vírus presentes em várias espécies diferentes.

Por se tratar de uma infecção respiratória aguda, o SARS-CoV-2 se dissemina principalmente por gotículas, secreções respiratórias e contato direto com pessoas infectadas, possibilitando a capacidade do vírus ser transmitido de humano para humano (transmissão direta) e até mesmo indireta, através de contatos com superfícies contaminadas pelo vírus. Sua infecção pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, casos moderados, graves ou críticos, que podem levar à fatalidade, com isso, fazendo com que em casos mais graves sejam necessários uma atenção maior aos sinais e sintomas presentes. O vírus, assim como outros da família, é capaz de provocar infecções que afetam o sistema respiratório, fazendo com que possa ser facilmente confundido com uma gripe ou resfriado, apresentando, uma pessoa infectada, sintomas comuns como febre, dificuldade respiratória e tosse.

Devido ao seu fácil e alto nível de transmissão, o Ministério da Saúde (MS) aderiu medidas preventivas como o distanciamento social, etiqueta respiratória e higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamentos de casos suspeitos e confirmados, e quarentena de pessoas infectadas ou que tiveram contato com infectados pela covid-19.

Pelo fato do grande número de contaminação do vírus SARS-CoV-2, e fácil disseminação, ele se espalhou mundialmente em pouco tempo, fazendo com que o vírus atingisse cada vez mais pessoas, se alastrando por vários países e regiões do mundo rapidamente. Com isso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a evolução do novo coronavírus como um estado de pandemia da Covid-19, que teve início a partir de 11 de março de 2020, poderia se considerar essa determinação tardia, já que na época teria mais de 100 países afetados pelo vírus, inclusive o Brasil. Assim, esse pode ser considerado um dos grandes desafios do século XXI. O decreto da pandemia afetou direta ou indiretamente a saúde e a economia da população de todo território mundial.

O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade, reconhecendo que é usado quando uma doença não se restringe apenas a uma região, e sim está distribuída por todo o planeta.

3.2 Impactos gerais da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro

Como pode-se observar, a pandemia da covid-19 trouxe vários impactos negativos para a população, sendo eles desde impactos econômicos até sociais, trazendo transtornos em diversos setores. Foi observado que desde 1990, depois da perda do dinamismo da economia nacional, a informalidade no mercado de trabalho ganhou mais força. Segundo Targino e Vasconcelos (2015), o setor formal de mercado de trabalho é aquele em que existe um tipo de contrato entre o empregado e o empregador, sendo firmado através da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) ou até mesmo do Estatuto do Servidor Público, já o setor de informalidade dentro do mercado de trabalho é composto por trabalhadores que não possui vínculos diretamente registrados e documentados, ou seja, privados de condições básicas ou mínimas de trabalho e proteção social.

A pandemia trouxe uma enorme crise sanitária, e com isso o aumento do nível do desemprego, e o aumento da informalização do trabalho, pessoas que tem um trabalho informal e que residem em áreas precárias foram as mais atingidas pela pandemia, uma vez que elas têm rendimentos baixos e irregulares, muitas das vezes sem acesso a saneamento básico e sem água potável, sem um abrigo digno, sem plano de saúde, sem proteção social garantida através da carteira assinada, ou seja,

sem direito a férias, salário-mínimo, 13º salário, FGTS, licença maternidade e sem seguro-desemprego. Esses trabalhadores cumprem extensas jornadas de trabalho e dificilmente conseguem acessar linhas de financiamentos para o exercício legal da atividade (Krein & Proni, 2010).

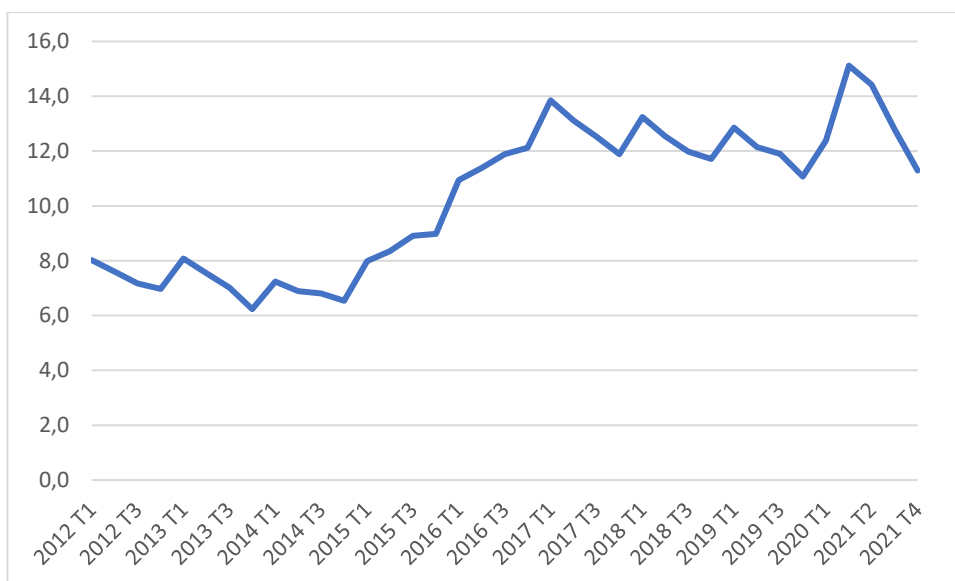
QUADRO 2: Classificação das ocupações em formais e informais.

SETOR FORMAL	SETOR INFORMAL
<ul style="list-style-type: none"> • Empregados com carteira; • Militares; • Funcionários públicos estatutários; • Trabalhadores domésticos com carteira; • Empregadores com 6 ou mais empregados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empregados sem carteira; • Trabalhadores domésticos sem carteira; • Conta própria; • Trabalhadores na produção para o próprio consumo; • Trabalhadores na construção para o próprio uso; • Não remunerados; • Empregadores com até 5 empregados.

Fonte: Elaboração Própria do autor, conforme Targino e Vasconcelos (2015).

Como já apresentado na introdução, a taxa de desocupação no mercado de trabalho brasileiro teve vários agravantes durante o período analisado, porém pode-se verificar que o alto nível de desocupação do mercado de trabalho já vinha de antes da crise pandêmica, vinha desde a crise de 2014, uma vez que sua origem foi de uma série de choques entre oferta e demanda, com maior peso vindo através de erros de políticas públicas onde as mesmas travaram a capacidade de crescimento do produto potencial da economia do país, deteriorando o nível de empregabilidade no mercado de trabalho, atingindo uma elevação de 6,5 p.p. na crise de 2015-2016 como pode-se verificar pelo gráfico 1 abaixo:

GRÁFICO 1- Taxa de desocupação (%) – BRASIL 2012 à 2021.



Fonte: Elaboração própria do autor, segundo dados do IBGE – IPEA DATA.

Pós esse período da crise de 2015-2016, o mercado de trabalho junto da economia do país ia se realocando e estabilizando aos poucos, até a chegada da crise sanitária da Covid 19 e a pandemia que elevou novamente a taxa de desocupação no mercado, de forma ainda mais abundante, chegando a 15,1% da população no final no primeiro trimestre de 2020, que foi o maior pico de taxa de desemprego dentro do período analisado.

3.3 Evolução da Desigualdade no Mercado de Trabalho

A desigualdade no Brasil é de alto nível, podendo ser considerado um dos países mais desiguais do mundo, tendo um grande abismo entre ricos e pobres, uma vez que a renda de um indivíduo brasileiro que está entre os 10% mais ricos, é consideravelmente 30 vezes maior do que a renda de um indivíduo que está entre os 40% mais pobres do país, esse alto nível de desigualdade não é compatível com uma sociedade democrática. A Covid-19 ampliou ainda mais da desigualdade mundial, com a expansão do vírus mundialmente, os bancos centrais injetaram trilhões de dólares nas economias de todo o mundo para tentar manter a economia global em funcionamento estável, evitando um colapso econômico total. Porém essa injetada monetária trouxe um grande aumento nos preços dos ativos e, com isso, aumentando o patrimônio líquido dos bilionários e das classes proprietárias de ativos.

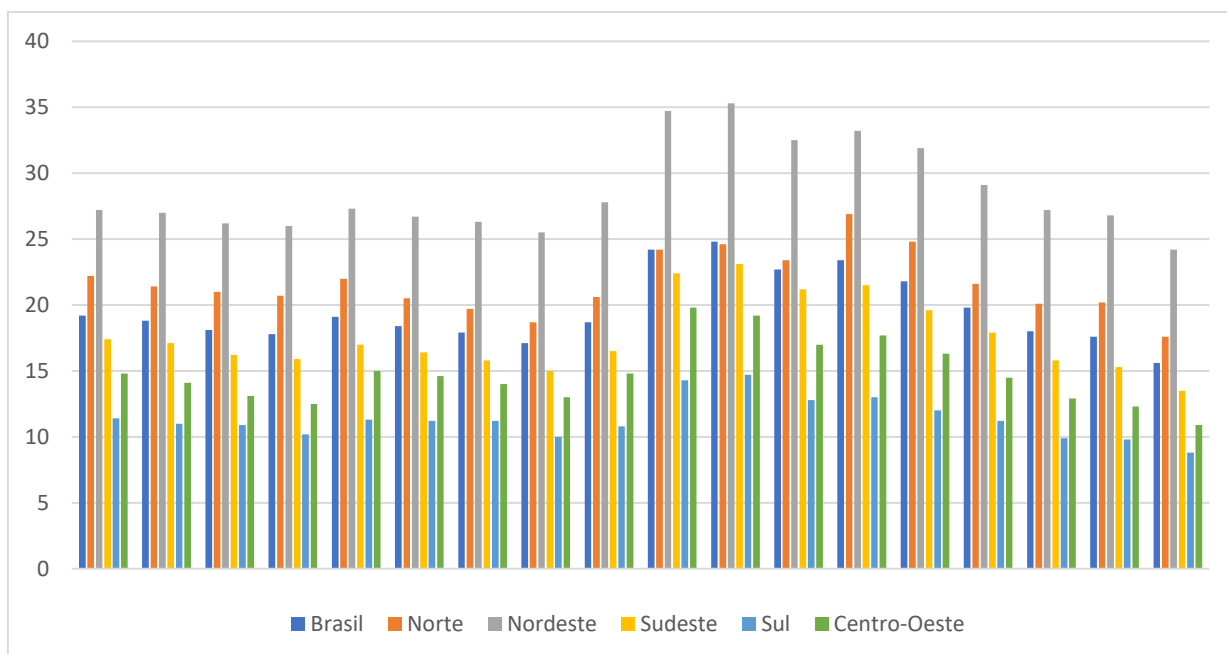
Com todas as dimensões, a desigualdade teve um alto nível de aumento desde o começo da pandemia, desde desigualdade de riqueza, de renda, racial, na saúde, e até mesmo entre os países.

3.4 Taxa de Participação

A taxa de participação da força de trabalho (LEPR) é a proporção de pessoas consideradas em idade para participar da força de trabalho (14 anos ou mais), que sejam empregadas ou que buscam atividades no mercado de trabalho, em relação ao número total de pessoas na respectiva faixa etária. O indicador é considerado como uma medida da parte ativa de toda a força de trabalho no país. Geralmente essa taxa é expresso como uma porcentagem do total da população elegível para a força de trabalho em uma economia.

O gráfico 2 apresentado logo abaixo mostra como a taxa de participação no mercado de trabalho teve um elevado nível de saídas durante o período pandêmico no país. Onde no segundo trimestre de 2019 o Brasil contava com uma taxa de 63,7% de pessoas dentro da força de trabalho, e esse número foi caindo, quando aproximadamente a uma diferença de um ano dessa mesma pesquisa, no primeiro trimestre de 2020 (início da pandemia no país) a taxa era de 62,7%, chegando ao seu pior estágio rapidamente no segundo trimestre, onde alcançou 57,3% de pessoas na taxa de participação na força de trabalho, retornando a sua elevação entre o último trimestre de 2020, e hoje, no 2º trimestre de 2022 encontra-se com seu nível próximo ao nível anterior ao início da crise pandêmica brasileira, trazendo uma porcentagem de 62,6% de pessoas na taxa de participação da força de trabalho.

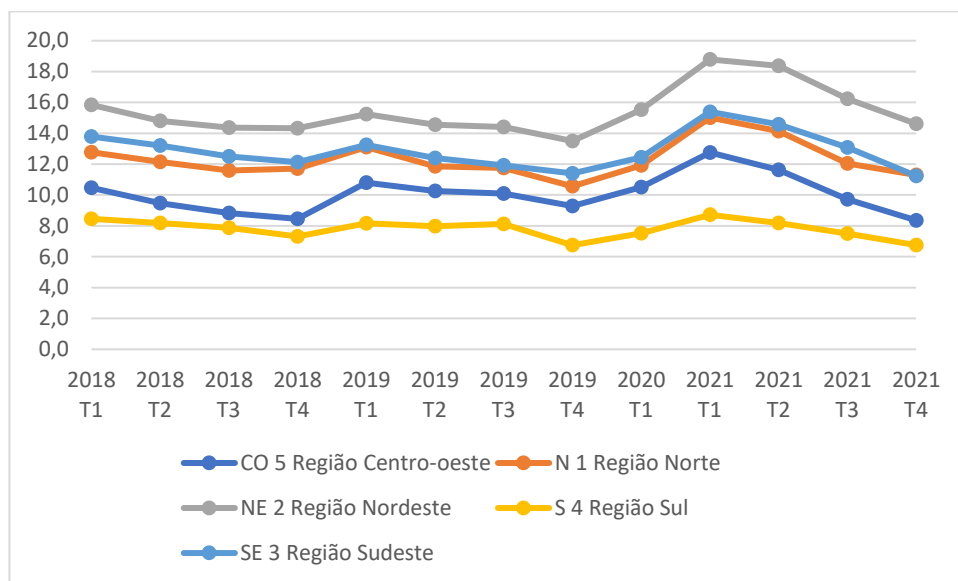
GRÁFICO 2: Taxa de desocupação na força de trabalho potencial das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%) – BRASIL 2018 à 2022.



Fonte: Elaboração própria do autor, segundo dados da IPEA DATA 2022.

Verifica-se que o Brasil foi fortemente afetado pela pandemia da Covid-19 na força de trabalho, tendo elevadas taxas de desocupação, chegando em até 24,6% de desempregados segundo dados do Ipea Data 2022. E também está bastante explícito o impacto do desemprego separado por regiões, onde a região do Nordeste brasileiro foi a região mais afetada pela desocupação no mercado de trabalho do país, pode-se analisar essa divisão de desocupação por regiões fazendo a análise do gráfico 3 apresentado logo abaixo:

GRÁFICO 3: Taxa de desocupação na força de trabalho dividido por regiões brasileiras (%) – BRASIL 2018 à 2021.



Fonte: Elaboração própria do autor, segundo dados do IBGE 2022.

Após leitura e estudo do gráfico 3, é de total conhecimento que o Nordeste desde o início do período analisado, sempre teve um maior nível de desemprego do Brasil, e foi o que mais sofreu com o efeito da pandemia da Covid-19. Embora todas as regiões brasileiras tenham sofrido alterações na taxa de desocupação na força de trabalho durante a crise pandêmica, através da leitura do gráfico 3, fica notório uma necessidade de estudo maior na região Nordeste do país, por isso, a partir dessa observação, esta monografia terá um foco maior nos resultados da região Nordeste.

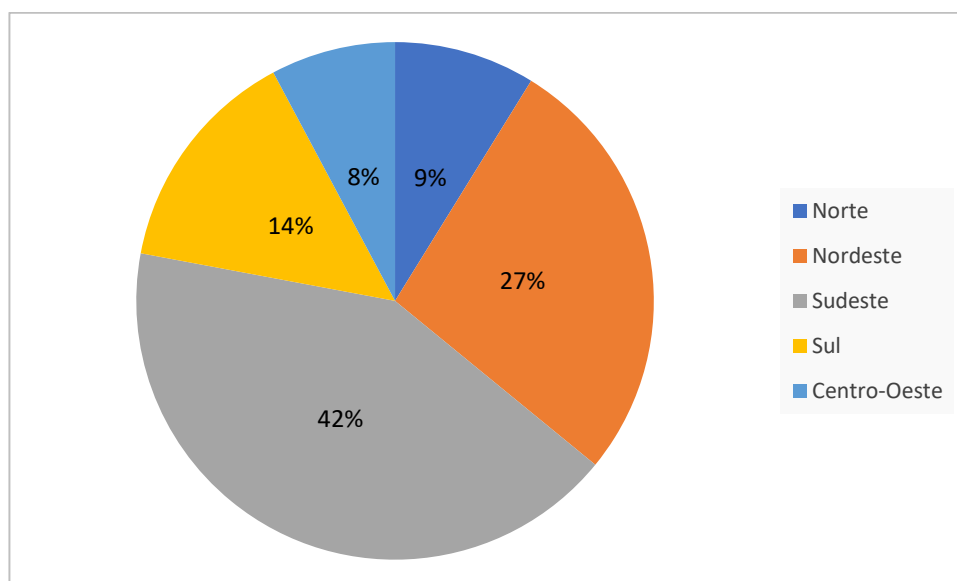
4 A POPULAÇÃO NORDESTINA E OS INDICADORES DE TRANSIÇÕES:

4.1 A População Nordestina

Nessa seção serão analisados os números habitacionais do Nordeste e os indicadores que refletem os fluxos de indivíduos entre as situações de ocupados, inativos e desempregados durante o ano de 2020 na região do nordeste brasileiro, verificando quais variáveis foram mais atingidas com a crise pandêmica, quais variáveis sofreram mudanças mais trágicas dentro do quadro de indivíduos ocupados para indivíduos desempregados ou inativos em meados de 2020.

A região do Nordeste brasileiro é considerada a segunda região mais populosa do território brasileiro, onde a mesma é constituída por nove estados, sendo eles: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A região abrange 1.554.247 Km² e abriga cerca de 57,1 milhões de pessoas.

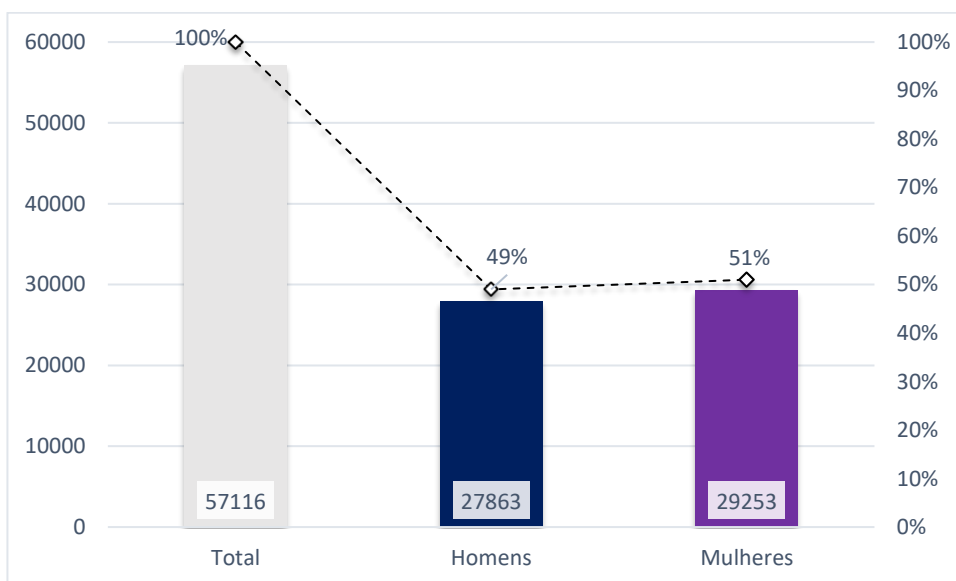
GRÁFICO 4: Distribuição populacional brasileira dividida por regiões no ano de 2020 (%) – PNAD Contínua 2020.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE,2020.

Ao considerar o nível da população de residentes do estado do nordeste no Brasil no ano de 2020, esse número corresponde a 57,1 milhões de habitantes na região segundo dados do IBGE, o que equivale a aproximadamente 27,1% da população total do país. Quando comparado esse percentual de habitantes na divisão da variável por sexo, é notório que há um equilíbrio no nível populacional entre mulheres e homens, podendo ser considerado o nível de mulheres correspondente a 51,88% da população total e os homens representam 48,12% da população total nordestina, com isso o sexo masculino equivale a 27,8 milhões de habitantes e o feminino um pouco na frente com 29,2 milhões de habitantes como apresentado no gráfico 5 abaixo:

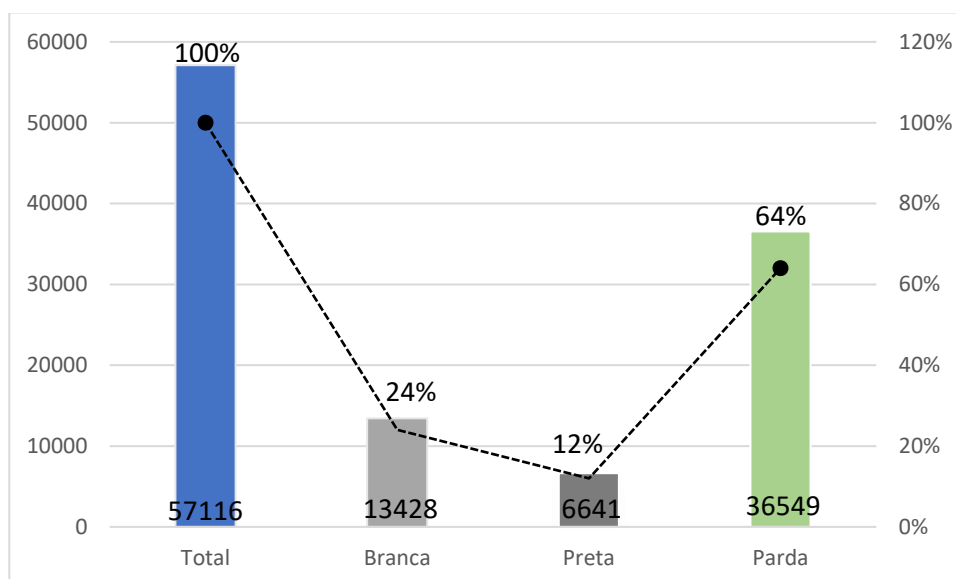
GRÁFICO 5: Número de habitantes total, e dividido por sexo na região do Nordeste no ano de 2020 (%) – PNAD Contínua 2020.



Fonte: Elaboração própria do autor baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE,2020.

Ao analisar a divisão de habitantes por raça/cor, de acordo com dados do IBGE, apesar de diferentes raças, a população predominante na região nordeste é a parda, onde representa 64% da população total nordestina, considerada quase três vezes maior que a branca, representada por 24% que se autodeclaram como brancos e 12% se declaram pretas, como apresentado no gráfico 6 abaixo:

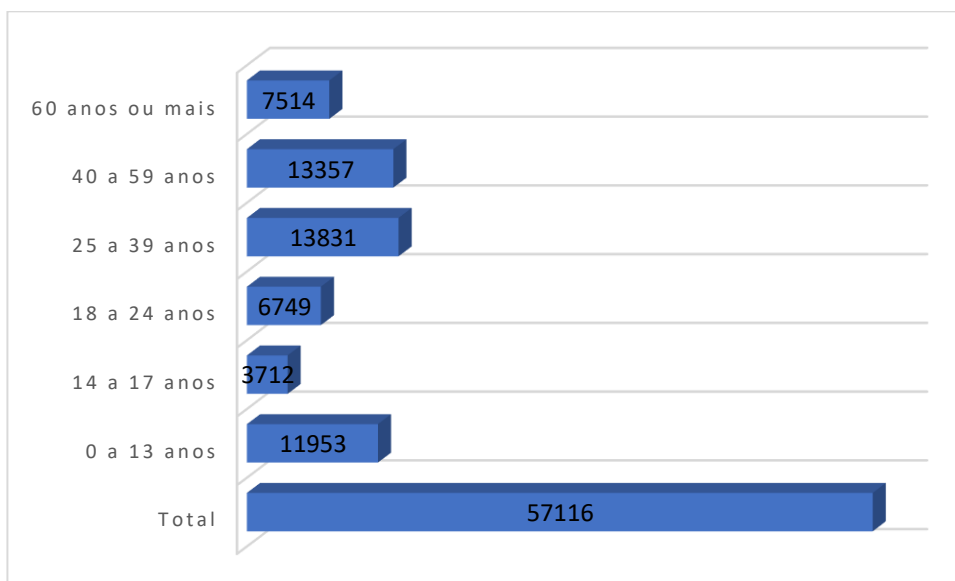
GRÁFICO 6: Número de habitantes total, e dividido por raça/cor na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE,2020.

Quando se trata de faixa etária, vale lembrar que a região do nordeste possui um volume considerável de contingente populacional no grupo de risco à pandemia, segundo o critério da idade, pois a população com 60 anos ou mais representa 12,6% da população total da região. Analisando o gráfico 7, é possível notar que a faixa etária entre 25 a 39 anos e 40 a 59 são os maiores grupos de habitantes da região, onde concentra 47,6% da variação de idade das pessoas quando comparado com o número total de habitantes da região.

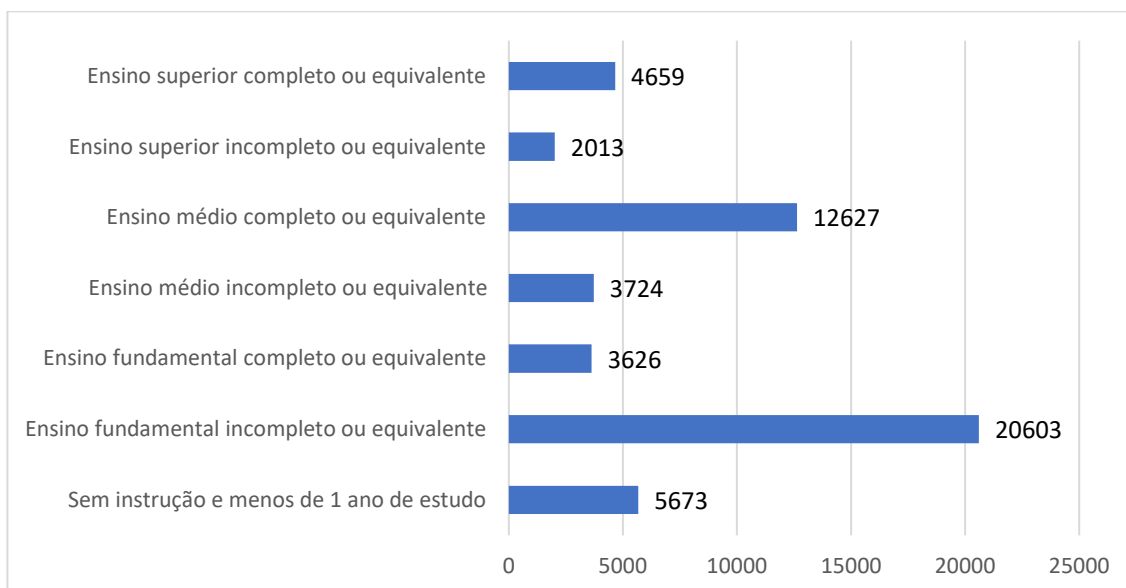
GRÁFICO 7: Número da população total, e dividida por faixa etária na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE.

Segundo dados apresentados pelo IBGE através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a região do Nordeste é a que tem maior índice de analfabetismo, representando 13,9% da população total brasileira, mesmo sendo “uma taxa que vem baixando ao longo do tempo” como diz a analista Adriana Beringuy, ainda encontra-se presente no país, e concentrado entre pessoas mais velhas, uma vez que os jovens são escolarizados, diminuindo esse número. É observado melhor esse grau de relação por nível de instrução no gráfico 8 abaixo:

GRÁFICO 8: Número de habitantes por nível de instrução na região do Nordeste no ano de 2020 – PNAD Contínua 2020.



Fonte: Elaboração própria do autor baseada, em dados da PNAD Contínua/IBGE, 2020.

O mercado de trabalho brasileiro em si, não apenas considerado na região Nordeste, tem inúmeras desigualdades, sendo as mais presentes a de gênero e raça/cor, essas desigualdades são persistentes mesmo em meados do século XXI, onde tendem a ser um atento a mais para os processos de formulação, implementação e avaliação das políticas públicas em geral, e, principalmente, das políticas de emprego, inclusão social e redução de pobreza.

Para ser feita a análise da evolução da desigualdade dentro do mercado de trabalho em meio a pandemia, será analisado a transição de entrada e saída da força de trabalho no ano de 2020, considerando quais se tornam desempregados ou inativos na região do nordeste brasileiro.

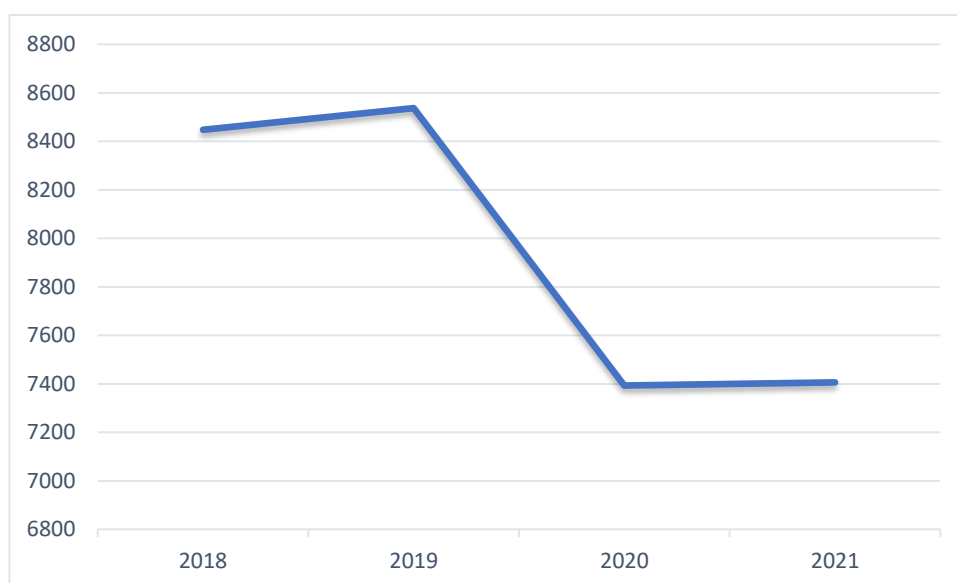
Analisando ao longo do período, há um grande diferencial entre a relação de entrada e saída do mercado de trabalho no Nordeste, quando relacionado a questão de sexo, uma vez que os homens têm mais vantagens dentro do mercado de trabalho do que as mulheres. Esse percentual para as mulheres é sempre superior, não apenas devido à crise da Covid-19, é algo que vem de anos atrás. Porém esse número cresceu ainda mais na crise pandêmica, onde essa diferença ocupou o primeiro lugar com maior nível de desocupação ou inatividade no ano comparado. Um fator que pode explicar essa desigualdade em meio a pandemia, é o fato de grande maioria das mulheres terem que largar o mercado para cuidar dos seus afazeres domésticos,

filhos e parentes, uma vez que foi declarado lockdown, e escolas e diversos comércios pausaram suas atividades presenciais.

4.2 Indicadores de Transição: A evolução da desigualdade no mercado de trabalho nordestino

A região do Nordeste é considerada uma das regiões com maior índice de desigualdade no país, e devido a pandemia do Covid-19, o desemprego afetou ainda mais os negros e mulheres trabalhadores da região do Nordeste. Uma vez que quando analisado, os negros, a maioria na região, são considerados de frágil inserção no mercado, ou seja, com alto nível de trabalho informal, com baixo nível de qualificação e graus de estudos. As mulheres da região são empregadas tipicamente em posições alocadas como serviços não essenciais na pandemia, como o comércio, serviços domésticos remunerados, ocupações de cuidado e serviços pessoais, ou seja, a maioria são pertencentes de áreas com os setores mais afetados. Muitas das vezes também as mulheres tiveram que sair do seu serviço para cuidar da casa, dos filhos e familiares. Através do gráfico 9 abaixo é possível visualizar melhor o nível de desigualdade.

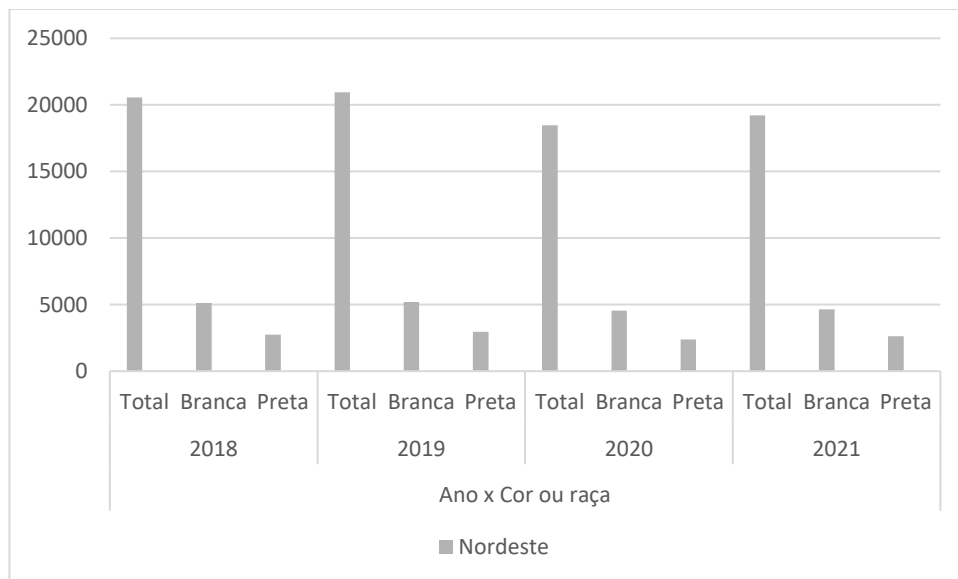
GRÁFICO 9: Nível de ocupação das mulheres nordestinas entre 2018 e 2021 – Nordeste 2018 à 2021.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE.

Quando relaciona a questão do diferencial de raça/cor, o gráfico 10 nos mostra que são relevantes as diferenças de transição quanto para inatividade quanto para desemprego na região do nordeste brasileiro. Essa também é uma desigualdade que não ocasionou diferença no mercado de trabalho apenas por causa da pandemia da Covid-19, e sim é uma desigualdade que já existe historicamente na sociedade, porém com a pandemia esse número relacionado a desigualdade aumentou, quando considerado a raça/cor branca, a raça/cor negra, os negros, ou não brancos tem uma desvantagem em relação ao mercado, uma vez que negros tendem a ocupar cargo caracterizados de baixos rendimentos e alto nível de informalidade e foram altamente prejudicados pela crise pandêmica.

GRÁFICO 10: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021 por raça/cor – Nordeste 2018 à 2021.

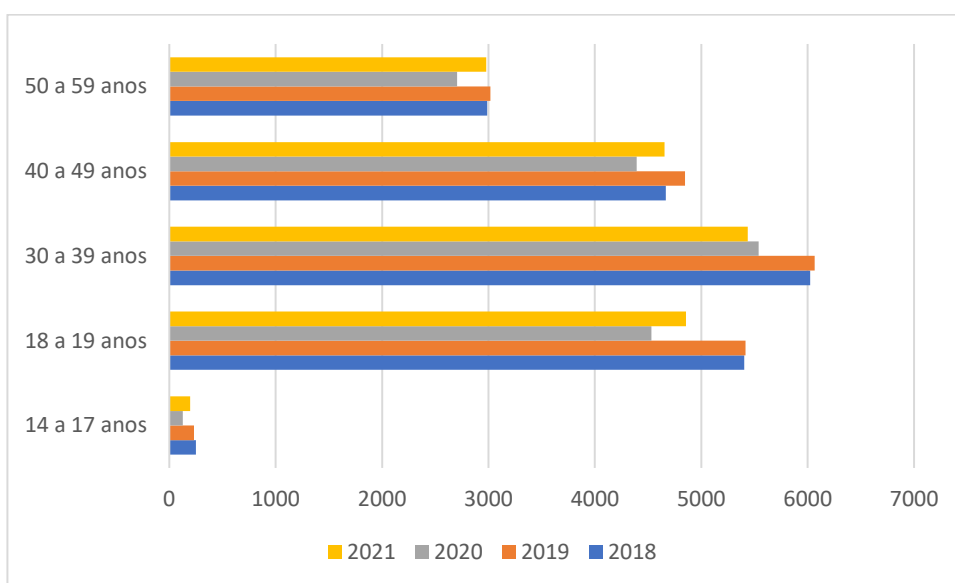


Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE.

Ao considerar a questão de faixa etárias, foi curioso o fato de que não houve variáveis com impactos tão negativos quando comparado com as variáveis apresentadas acima, uma vez que pessoas com idade para ingressar no mercado de trabalho, e com saúde para trabalhar, eram necessárias na época, para evitar que pessoas consideradas da área de risco fossem expostas ao vírus, trabalhando na rua. A crise de 2020 correspondeu a um aumento relevante nas chances de transitar para

inatividade e desemprego em todas as faixas etárias, e de acordo com o estudo, foi notório que entre as idades apresentadas no artigo, houve variação no nível de entrada e saída entre as pessoas, separadas por grupos, como observa-se no gráfico 11 abaixo:

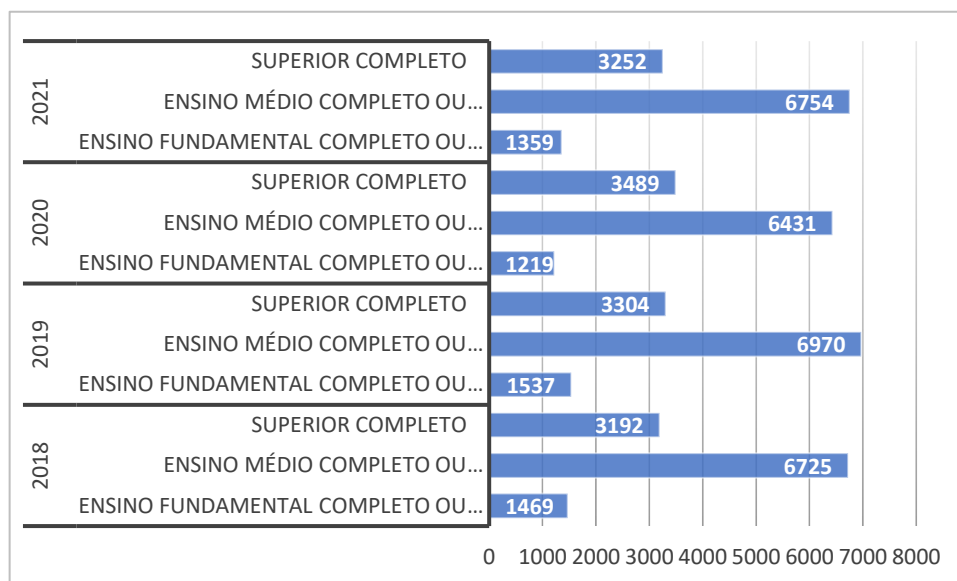
GRÁFICO 11: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021, por idade – Nordeste 2018 à 2021.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE.

Os níveis de instrução, ou seja, de escolaridade, é considerável que não foram tão prejudicados também, quando analisado o período da pandemia da covid-19 no ano de 2020, pois as saídas do emprego, desemprego ou inatividade, foi considerável. Lógico que entre os graus de estudos analisados tivemos uma diferença, onde as pessoas com ensino superior completo têm maior chance de permanência em seu emprego quando relacionado a pessoas que tem apenas o ensino médio completo, e a mesma escala quando relacionado às pessoas que têm apenas o ensino fundamental completo.

GRÁFICO 12: Transição de ocupação para desemprego ou inatividade entre 2018 e 2021, por nível de instrução, escolaridade – Nordeste 2018 à 2021.



Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados da PNAD Contínua/IBGE.

5 DETERMINANTES DA ENTRADA E SAÍDA DA CONDIÇÃO DE OCUPADO

5.1 Ganho de Ocupação

De acordo com Pinheiro et al. (2009), as mulheres têm aumentado sua participação no mercado de trabalho, mas ainda estão inseridas de forma precária, uma vez que elas estão voltadas mais para serviços domésticos, na produção para consumo próprio e no trabalho informal. Como mostra a Tabela 1, o ano de 2020 foi um retrato dessa desigualdade presente no Nordeste, pois o mesmo terminou com um saldo positivo de 14.735 postos de trabalhos ocupados com mão de obra masculina, enquanto a mão de obra feminina obteve saldo negativo, perdendo 35.572 postos de trabalho.

TABELA 1: Saldo total de admitidos e desligados por sexo no Nordeste em 2020.

Sexo	Admitidos	Desligados	Saldo
Homem	1.392.130	1.377.395	14.735
Mulher	662.305	697.877	-35.572

Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados em Microdados do Novo CAGED – SEPRT/Ministério da Economia.

O mercado de trabalho ainda é desigual quando se trata de negros e brancos, ou seja, da variável raça/cor, principalmente na região do Nordeste brasileiro, onde 76% da população se autoconsidera pardos ou negros, restando apenas 24% da população de brancos. Por mais que os negros/pardos venham aumentando seu nível de escolaridade, ainda são muitos os analfabetos, onde assumem cargos de empregos mais sensíveis a crises, sendo eles empregos informais e de baixo nível, ocasionando perda de posição no mercado de trabalho quando analisado um período de crise pandêmica como em 2020.

Segundo os autores do trabalho de Cunha et. al (2011), o desemprego no Brasil atinge principalmente os jovens, uma vez que ao comparado com os mais velhos,

tendem a possuir menos experiência profissional, podendo considerar que a cada um ano de idade a mais, maior é a probabilidade de estar ocupado no período analisado.

TABELA 2: Saldo total de admitidos e desligados por idade (faixa etária) no Nordeste em 2020.

	14-18	19-39	40-65
EMPREGADOS	43.413	157.793	153.549
DESEMPREGADOS	462.812	348.432	352.549

Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados em Microdados do Novo CAGED – SEPRT/Ministério da Economia.

O grupo com menor grau de instrução, ou seja, com apenas o fundamental completo, sofreu perda de postos em 2020, chegando a perda de 12.874 postos de trabalho, já os trabalhadores com ensino médio completo se destacaram, com um saldo positivo de 21.055 postos de trabalhos, e os habitantes com ensino superior completo tiveram saldo positivos, mas não muito satisfatório com um saldo de 498 postos de trabalhos ocupados.

TABELA 3: Saldo total de admitidos e desligados por grau de instrução no Nordeste em 2020.

Grau de Instrução	Admitidos	Desligados	Saldo
Fundamental Completo	128.786	141.660	-12.874
Médio completo	1.310.378	1.289.323	21.055
Superior Completo	181.337	180.839	498

Fonte: Elaboração própria do autor, baseada em dados em Microdados do Novo CAGED – SEPRT/Ministério da Economia.

5.2 Determinantes de perda de ocupação

De acordo com a descrição na seção anterior, o sexo e a raça/cor são um dos setores mais prejudicados em se tratando de pessoas com maiores probabilidades de perda de emprego e transição para situação de inatividade ou desocupação. No momento da crise pandêmica analisado na pesquisa, esses dois fatores são os que mais apresentaram resultados mais preocupantes, devido ao grande nível de desigualdade presente na região. Nesta seção, o objetivo é analisar em que medida

os diferenciais apresentados na seção 4, têm de modo quantitativo, esse impacto, sendo elas o diferencial por sexo e por raça/cor que mesmo sendo controlado por outras características, os indivíduos presentes nesse quadro ainda são prejudicados.

A pesquisa mostra que o sexo e raça/cor estão associados a diferentes qualificações e inserções no mercado de trabalho, e assim essas características podem ser consideradas como determinantes de perda de ocupação. Assim, por exemplo, o fato desses dois indicadores terem maior representatividade em ocupações informais, podem explicar o porquê deles estarem expostos a perda de ocupação no mercado de trabalho na época pandêmica.

Com o intuito de verificar a magnitude do impacto da pandemia da Covid-19 sobre a ocupação no mercado de trabalho da região nordestina, foi utilizado o software Stata 14 para estimar o modelo da regressão Probit, apresentado na tabela 4. Destaca-se que o modelo foi estimado considerando-se erros padrões robustos com o objetivo de controlar a heterocedasticidade. Adicionalmente, todas as variáveis se mostraram globalmente significativas, e os resultados indicam que a crise pandêmica impactou de maior forma em duas das demais variáveis analisadas, sendo elas, mulheres e não brancos.

TABELA 4: Probabilidade de transição da ocupação para o desemprego ou inatividade em 2020.

Variáveis de interação	Coefficiente	dy/dx
Mulher	-0.64 *	-0.19*
Não Branco	-0.18 *	-0,05*
Idade 14 a 18 anos	0.45 *	0,15*
Idade 19 a 39 anos	1.63 *	0,54*
Idade 40 a 65 anos	1.74 *	0,57*
Ensino Fundamental Completo	0.26 *	0,08*
Ensino Médio Completo	0.52 *	0,17*
Ensino Superior Completo	1.14 *	0,42*
Constante	-1.71 *	

Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração própria do autor.

Obs.: ***p<0,01, **p<0,005, *p<0,1.

Ao analisar a variável mulher, o coeficiente marginal da variável que capta o gênero do indivíduo foi significativo no mercado de trabalho da região do nordeste, indicando que ser do gênero mulher diminui a probabilidade de estar ocupada no

mercado de trabalho, observa-se que a mulher possui 1,93 p.p a mais de chance de estar desempregada no período analisado.

As variáveis referentes a raça/cor apresentam o coeficiente marginal significativo para o mercado de trabalho, uma vez que só por ser considerado não branco (negros ou pardos) diminui a probabilidade de estar empregada no mercado de trabalho durante a crise da pandemia da Covid-19, observa-se que os negros ou pardos tem 0,56 p.p., a mais de chances de estar desempregado no período analisado.

As estimativas que indicam o efeito marginal sobre as faixas etárias, variável idade, foram significativas, uma vez que considerado apenas a variável em um todo, não houve números negativamente impactados por desemprego ou inatividade em razão da idade do empregado. Houve variação entre as idades de 14 a 18 anos, aumentando de 1,53 p.p., na faixa etária entre 19 a 39 anos apresentou um aumento de 5,42 p.p, e na faixa etária de 40 a 65 anos um aumento considerável de 5,8 p.p.

Os resultados também demonstram que o nível de instrução (grau de escolaridade) é um fator importante para a determinante da probabilidade de estar ocupado em meio a pandemia, que apresentou um efeito marginal significativo e positivo. É notório que entre os três graus de escolaridade consideradas no estudo (ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo) houve uma variação de probabilidade de estar empregado, onde o cidadão com apenas o ensino fundamental completo tem maior chance de estar desempregado na crise pandêmica, sendo esse percentual de 0,83p.p, já as pessoas com ensino médio completo assumem uma vantagem a mais do que as pessoas apenas com um fundamental completo, sendo esse percentual de 1,71p.p, já os cidadãos com ensino superior completo tem maior vantagem de permanecer empregados quando comparados com os graus abaixo, sendo esse percentual de 4,20p.p.

Através do modelo Probit analisado neste trabalho, é notório que as variáveis mais prejudicadas pela crise pandêmica da Covid-19, foram as mulheres e indivíduos que se autodeclararam pardos ou pretos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo é analisar a influência da pandemia da Covid-19 no mercado de trabalho na região Nordeste do Brasil, analisando as variáveis que mais foram afetadas com a crise pandêmica. O Nordeste é considerada uma região potencialmente impactada pela crise com maior potencialização, devido ao seu alto nível de vulnerabilidade socioeconômica quando comparado com restante do país.

A crise da Pandemia da Covid-19 reflete de forma intensa sobre os indicadores no mercado de trabalho, mesmo quando comparado com o período da crise de 2016. De acordo com o estudo, observa-se que o nível de desigualdade, quando se tratando de sexo, raça/cor dentro das taxas de participação no mercado de trabalho, ocupação e informalidade não reduz mesmo com as crises. Como analisamos, no estado do Nordeste brasileiro, os grupos em desvantagem são os que apresentam os indicadores mais vulneráveis no momento pandêmico ou de qualquer outra crise.

De acordo com a análise de gênero, as mulheres já apresentam grande desvantagem nos indicadores de participação do mercado de trabalho e a desigualdade é algo que está presente há séculos, principalmente dentro do mercado de trabalho, essa situação ficou mais exposta ainda, chegando a uma diferença gritante quando relacionado a empregabilidade de homens e mulheres nordestinos.

Analisando também a questão racial/ cor, com diferenças consideráveis entre negros e brancos, há diferenças importantes na taxa de desemprego e na proporção de ocupados. Ela entra no quadro da desigualdade já existente há tempos, porém a crise pandêmica também aumentou esses diferenciais por cor/raça dentro do mercado de trabalho nordestino.

Em relação aos diferenciais por idade, e grau de escolaridade, vale destacar a comparação entre os grupos etários de 14 a 18 anos, e 19 a 39 anos, uma vez que não foram afetados diretamente em questão da variável idade. O desemprego e inatividade ocorreram, devido aos comércios fecharem, várias pessoas perderem empregos, mas muita das vezes foi mais ligado as variáveis mulher e negros, do que faixa etária, claro que excluindo pessoas pertencentes ao grupo de risco. E diante da variável escolaridade, as pessoas com apenas ensino fundamental completo, foram as mais prejudicadas, devido ao trabalho informal, sem CLT, e sem segurança de

manutenção do trabalho, pois o nível de conhecimento é baixo, e acaba caindo em vagas consideradas não necessárias na época pandêmica, ocasionando o desemprego.

Em suma, em uma análise do período pandêmico de 2020, o nível de desemprego aumentou no mercado de trabalho nordestino, colocando assim os piores indicadores associados aos grupos mais vulneráveis. No ano analisado, a pandemia se refletiu em um intenso aumento nas chances de sair da condição de ocupado e ir para desocupado, reduzindo assim também as chances de conseguir um emprego. Mesmo ao se controlar por características pessoais (escolaridade) ou de posto de trabalho (setor de atividade, posição na ocupação etc.), as mulheres e os negros e pardos possuem maiores chances de perder a ocupação – uma característica presente não apenas na crise pandêmica de 2020.

Como uma possível extensão deste estudo, sugere-se analisar as desigualdades por sexo, raça/cor que evoluíram após a crise de 2020 e na possível retomada da economia e do mercado de trabalho do Nordeste. Outra extensão relevante, seria considerar não apenas a entrada e saída do mercado de trabalho, e sim a entrada e saída dos mercados formais e informais.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRIDI, Maria Aparecida. A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil. **Estudos avançados**, v. 34, p. 141-165, 2020, disponível em: [Vista do A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil \(usp.br\)](#)

COSTA, Joana Simões; BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; HECKSHER, Marcos. **Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da Covid-19** . Texto para Discussão, 2021. Disponível em: [td_2684.pdf \(ipea.gov.br\)](#)

DAVIDSON, R. e MACKNNON, J. G. **Econometric Theory and Methods**. New York: Oxford Universit Press, 2004.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. “**População do Nordeste**”; Brasil Escola Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/população-nordeste.htm>.

GUJARATI, D, N.; PORTER, D. C. **Econometria Básica**. McGraw Hill Brasil, 2011.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE

[Taxa de desemprego recua a 10,5% no trimestre encerrado em abril, diz IBGE | Brasil | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

IBGE

<https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>

MATTEI, L.; HEINEN, V.L.; MUNARO, M. E. **Impactos da COVID-19 sobre o mercado formal de trabalho em Santa Catarina até setembro de 2020**, Revista NECAT, Ano 9, nº17, Santa Catarina, 2020, disponível em:

Pandemia agravou desigualdades também no mercado de trabalho - 23/10/2020

- **Mercado** - **Folha.** Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/pandemia-agravou-desigualdades-tambem-no-mercado-de-trabalho.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PINHEIRO, L. et al. **Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça** – 3ª Edição. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, p. 1-36, 2009.

REVISTA VALOR ECONÔMICO

[Taxa de desemprego recua a 10,5% no trimestre encerrado em abril, diz IBGE | Brasil | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

STATA MP 14 – Software Stata versão 14

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, E. A. S. de, & TARGINO, I (2015, janeiro/ junho). Informalidade no mercado de trabalho brasileiro (1993-2013). Revista da Abet, 14(1), 141-161. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/25705/13881>